



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

HISTÓRIA DAS MULHERES, GÊNERO E DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL: O CARÁTER PEDAGÓGICO DO PROJETO "MULHERES DE LUTA"

Soraia Carolina de Mello;

*Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
soraiaeducadigital@gmail.com*

Elaine Schmitt;

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
elaine.schmitt@gmail.com*

Cristina Scheibe Wolff;

*Professora dos Programas de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) e de Pós-
Graduação de História (PPGH) da Universidade Federal de
Santa Catarina (UFSC)
cristina.wolff@ufsc.br*

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir o caráter didático-pedagógico do projeto de pesquisa “Mulheres de Luta”, que tem sido desenvolvido no Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH – UFSC) desde 2017, sob a coordenação das professoras Cristina Scheibe Wolff (UFSC), Karina Janz Woitowicz (UEPG) e Ana Rita Fonteles Duarte (UFC). Tal projeto pretende analisar o feminismo enquanto significativo articulador de conflitos sociais no Brasil no período da ditadura civil-militar de 1964, bem como suas interfaces com as organizações e movimentos de enfrentamento à ditadura. Dentre os resultados propostos pelo projeto, temos a elaboração de material didático na forma de webdocumentário, um *site* interativo com fins educacionais. Nesse sentido, a preocupação com a adequação dos materiais às faixas etárias, às estruturas das escolas públicas e ao modelo de aula presente nessas escolas tem guiado nosso trabalho.

Palavras-chave: projeto didático-pedagógico; webdocumentário; ditadura militar; história das mulheres, gênero.

Introdução

Antes de estabelecer diálogo sobre o caráter didático-pedagógico do projeto “Mulheres de Luta”¹, gostaríamos de discutir

a problemática que o orienta. Este projeto tem sido desenvolvido no Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH – UFSC) desde 2017, sob a coordenação das professoras Cristina Scheibe Wolff (UFSC), Karina Janz Woitowicz (UEPG) e Ana Rita Fonteles Duarte (UFC) e pretende analisar o feminismo enquanto significativo articulador

¹ WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres de luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)**. Projeto de pesquisa. CAPES: Edital 12/2015, Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais, Processo 88887.130836/2016-00.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

de conflitos sociais no Brasil no período da ditadura civil, bem como suas interfaces com as organizações e movimentos de enfrentamento à ditadura. O LEGH tem se dedicado, desde sua fundação, a investigações sobre a história das mulheres, das relações de gênero e dos feminismos brasileiros e do Cone Sul.

Apesar da importante atuação do Laboratório em projetos com fins pedagógicos (como o GDE² e o PROFHISTÓRIA³), o atual projeto traz novos desafios no que se refere à relação produção de conhecimento acadêmica/produção de conhecimento escolar.

Com isso passamos para a proposta do artigo, que é discutir o caráter didático-pedagógico deste novo projeto que tem, dentre os resultados propostos, a elaboração de material didático na forma de webdocumentário, que será um *site* interativo com fins educacionais. Nesse sentido, a

² O Instituto de Estudos de Gênero (IEG) da UFSC, com o apoio do laboratório de Estudos e Gênero e História (LEGH) e outros núcleos, realizou duas edições do curso de aperfeiçoamento Gênero e Diversidade na Escola (GDE), em 2009 e 2012-2013, e uma edição do curso de especialização GDE, em 2015-2016.

³ As professoras do LEGH envolvidas no Projeto Mulheres de Luta, Cristina Scheibe Wolff, e Janine Gomes da Silva, são também professoras do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA da UFSC. No semestre atual, a professora Cristina Scheibe Wolff está ministrando a primeira disciplina a distância do PROFHISTÓRIA da UFSC, em parceria com o professor da UFRGS Fernando Seffner e com o Pós-Doutorando Jair Zandoná.

preocupação com a adequação dos materiais às faixas etárias, às estruturas das escolas públicas e ao modelo de aula presente nessas escolas tem guiado nosso trabalho.

Abordaremos ainda, alguns dos caminhos que temos encontrado para tais desafios, assim como a reafirmação da importância da presença do debate sobre gênero, feminismos, diversidades e interseccionalidades em todos os níveis de educação.

Percorso conceitual e metodológico

Nos últimos anos temos visto um aumento significativo dos estudos que problematizam as histórias e memórias relacionadas ao período da ditadura – e as lutas pela memória – na historiografia brasileira. Em 2014, as lembranças em torno dos 50 anos do golpe civil-militar no Brasil foram temas de livros, dossiês de revistas científicas e de eventos acadêmicos que de diferentes maneiras trouxeram à tona as memórias relacionadas a este período.

Dentre os resultados propostos pelo projeto, que conta com a elaboração de um livro que sintetize os resultados da pesquisa através de uma análise histórica do feminismo brasileiro no período da Ditadura, a partir de sua relação com os movimentos de resistência e de esquerda, consta ainda a elaboração de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

um material didático no novo formato de narrativa de audiovisual na Internet, o *webdoc*.

Este produto, que será discutido na próxima parte do artigo, será disponibilizado para consulta e *download* de documentos de arquivo, vídeos, entrevistas, fotografias, ensaios e textos didáticos relacionados às temáticas do projeto. O site pretende atingir um público amplo, desde estudantes de ensino fundamental e médio, como também professoras e professores, estudantes universitárias e universitários, imprensa, movimentos, ONGs, e demais pessoas interessadas.

O projeto gráfico da plataforma que irá sustentar o webdocumentário, que está em fase de desenvolvimento, traz em sua proposta de elaboração as características de ser convidativo, acessível e didático, usando as diversas mídias possíveis no ambiente virtual.

Webdocumentário: A transformação da Internet e as novas possibilidades de documentar e interagir

As mudanças estruturais trazidas à comunicação a partir do uso da Internet podem ser estudadas por diferentes vieses que perpassam, dentre outros, o campo da história, da sociologia, do jornalismo e da política, e compõem o novo modelo de comunicação de

rede.

Posterior à comunicação interpessoal, a comunicação de “um-para-muitos” e da comunicação em massa, vemos na sociedade contemporânea um modelo comunicacional que interliga, por meio da rede, a *media* de massa e a *media* interpessoal. A forma como é organizada e utilizada tal comunicação reflete os diferentes níveis de interatividades possíveis, bem como seus paradigmas, que tendem a acompanhar a necessidade e a importância de novas dinâmicas de acessibilidade à informação e de novos papéis de inovação (CARDOSO, 2009).

Situados neste novo espaço, que nos coloca em convívio com diversas tecnologias vinculadas a Internet, temos o surgimento da web 2.0, que permite aos usuários desenvolver, protagonizar e controlar seus próprios processos e intercâmbios comunicativos graças à interatividade (CASERO, 2010). Por ultrapassar a perspectiva unidimensional da mídia massiva, dos monopólios e das práticas de controle de informação, as novas tecnologias de comunicação permitem, ainda, interlocução entre diferentes parceiros mediante ações recíprocas e vínculos virtuais variados, o que favorece a potencialidade de interação inédita (MAIA, 2008). É importante dizer, no entanto, que este novo modelo não é dado como substituto dos modelos anteriores, mas



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

os articula e produz novos formatos que fazem emergir a autonomia comunicativa e possibilitam a comunicação horizontal⁴. Para Cardoso (2009), podemos perceber a ligação de audiências, emissores e editores sob uma nova matriz: de *media* em rede, em que as sociedades informacionais têm a rede como central na sua organização:

Essas transformações [...] tornam a mediação uma experiência integrada, combinando o uso de diferentes *media*, do telefone à televisão, do jornal ao jogo de vídeo, da Internet à rádio, do cinema ao telemóvel, recolocando o utilizador, as suas práticas e as literárias de que necessita, no centro da análise, (CARDOSO, 2009, p.17).

Diferente também da web 1.0, que possuía conteúdo estático e pouca possibilidade de interação, este novo patamar é marcado pelo seu caráter social, que abre caminho para uma redefinição do papel desempenhado pela cidadania no campo da comunicação política e coloca em situação de igualdade o emissor e o receptor. Dentre as outras características deste modelo, está o aumento da pluralidade de vozes, o surgimento de uma cultura colaborativa e a

⁴ Em *Adeus à Aristóteles: Comunicação Horizontal*, Luiz Ramiro Beltrán (1981), utiliza o termo para definir o inverso da comunicação vertical e antidemocrática. Ela está inserida em um contexto onde o processo de interação social é democrático e baseado no intercâmbio de símbolos mediante os quais "se compartilha voluntariamente suas experiências sob condições de acesso livre e igualitário, diálogo e participação" (p. 31).

emergência de *super-usuários*⁵. Todas estas possibilidades supõem um progresso no sentido de tirar o público de um papel passivo para uma "posição ativa" e fomentar a participação e o estabelecimento de dinâmicas relacionais (CASERO, 2010).

Outro fenômeno, no âmbito da comunicação, diz respeito à possibilidade do compartilhamento, uma característica básica da web 2.0. A partir do compartilhamento, o poder de publicação passa dos detentores de grandes audiências àqueles que possuem maior número de interações. Dessa forma, o valor de uma rede supera suas características anteriores e começa a ser calculado de acordo com a quantidade de público que interage com uma página ou perfil de rede social virtual, por exemplo.

O valor atribuído a partir dessa lógica se tornou cada vez mais calculado por meio da abrangência atingida por replicações, menções, comentários, "curtida"s e compartilhamento de conteúdos. Tal abrangência revela a potência que um(a) usuário(a) consegue deter e seu poder de mobilização e transformação. Com isso, percebe-se a constituição de uma nova hierarquização social, que para Malini e

⁵ De acordo com Casero (2010), o super-usuário é uma classe de líder de opinião digital, pertencente à sociedade civil, e que domina as ferramentas da web 2.0, utilizando-as para participar ativamente da dinâmica política e do debate público online (p. 117).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Autoun (2013), possui dois pontos: um em termos internos ao capital “a hegemonia de empresas como Facebook, Apple, YouTube e Google sobre as indústrias da notícia e do entretenimento”; e outro sobre a relação capital-trabalho: “captura do tempo livre social do trabalho para gerar gratuitamente valor e inovação às corporações de tecnologia” (p.217).

Terminamos com um novo panorama: com a existência de muitos meios de comunicação social em que o assunto em pauta não é apenas produto das instituições de notícia, mas construído pela simbiose de diversos canais, como veículos formais, coletivos informais e indivíduos, que faz emergir novas formas de comunicar, informar e manifestar. E que permanece, diariamente, em estado de transformação. É neste contexto de inovação tecnológica e comunicacional, marcado também pela convergência midiática e transformação cultural no que diz respeito à produção e consumo de meios de comunicação (JENKINS, 2008), que abordaremos o webdocumentário, uma nova forma de desenvolver e divulgar obras audiovisuais em suporte digital.

Dentre as definições que propõe elencar características conceituais e estruturais de um webdocumentário, bem como suas delimitações, dois elementos são apontados como intrínsecos: a não linearidade

e a interatividade. Ambos pertencem a uma era de plena mudança nas mídias e nos meios digitais, na qual novos desafios de criação são apresentados:

O modo como devem os elementos ser combinados e quais os elementos a combinar são os desafios que se colocam ao documentarista no sentido de criar uma estrutura coerente para abordar o tema em causa e de modo a ficar patente a abordagem ou ponto de vista sobre esse mesmo tema (PENAFRIA, 1999, p.6).

A possibilidade de convergência dos antigos meios de comunicação (escrita, TV, fotografia, rádio, cinema) em uma nova obra, tornou-se real quando computadores “traduziram” para o contato humano o conteúdo de um conjunto de dados através de uma interface que pudesse mediar ambas as partes - interação humano-computador, (JOHNSON, 2001). Nesse sentido, a potencial interação oferecida por este ambiente surge como uma novidade tanto para o formato documentário como para a atual tecnologia, que retira da figura do (a) criador (a) o controle formal sobre o enredo apresentado na obra, uma vez que sua forma final é também moldada pelas escolhas e ações dos interagentes, que podem operar a plataforma sem qualquer linearidade ou caminho pré-definido. Além disso, outros elementos interativos de comunicação podem estar presentes, como espaço para fóruns, chats ou comentários (PENAFRIA, 2013), o



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

que dissolve a fronteira em criadores e consumidores de conteúdo.

Quanto à receptividade deste modelo, que ademais pode variar entre um sistema interativo, de total autonomia ao espectador, e reativo, no qual uma gama de escolhas lhe é pré-determinada (PRIMO, 2000), a afetação emocional e as capacidades cognitivas inerentes da relação espectador-filme não desaparecem. É acrescentado, no entanto, um apelo para que sejam exercidas ações no ambiente que vai tornar o mero espectador em um utilizador:

Ainda que as escolhas estejam sujeitas às possibilidades que lhe são fornecidas, o utilizador é convocado a seguir o seu próprio percurso e demorar o seu próprio tempo (PENAFRIA, 2013, p.154).

Além daquilo que irá compor o webdocumentário é importante ter em mente a dinâmica e navegabilidade oferecida pelo site aos usuários, pois é a partir dessas delimitações que saberemos quais as possibilidades de interatividade. No intuito de apresentar e exemplificar o caso, partimos agora para a descrição da forma como foi produzido, organizado e roteirizado o conteúdo do webdocumentário proposto pelo projeto “Mulheres de Luta” que, afim de padronizar a entrega de todo o material coletado ao longo do ano de 2017 e 2018 para a edição, criou diretrizes para orientar as equipes de pesquisadoras(es) envolvidas em

sua construção.

Para a coleta de material, foram propostas 32 temáticas concernentes ao objetivo geral do projeto, que é analisar o feminismo enquanto significativo articulador de conflitos sociais no Brasil no período da ditadura militar (1964-1985), bem como suas interfaces com as organizações e movimentos de enfrentamento à ditadura. São elas: feminismo; antifeminismo; organizações feministas; encontros feministas; prisão e perseguição; mulheres na luta armada; exílio; publicações; periódicos; charges/tirinhas; movimento feminino pela anistia; mulheres rurais/trabalhadoras rurais; interseccionalidades; representatividade lésbica e mulheres e bissexuais; grupos acadêmicos; grupos feministas; mulheres militantes; dupla militância; esquerda e feminismo; acervos; centro-periferia; Cone Sul; costumes; corpo; trabalho; maternidade; domesticidade; sexualidade; mulheres negras; feminismo e religião; mulheres indígenas; cartazes/produção de vídeos; movimento feminista e homossexual.

Nessa coleta, as equipes buscaram, separadamente e de acordo com seus interesses de pesquisa, reunir documentos, fotografias, cartazes, periódicos e outros materiais, além da realização de entrevistas, criação de gráficos e organização de um roteiro que ajudasse a historicizar, por meio



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

da perspectiva de gênero, os acontecimentos datados do recorte temporal proposto.

A produção deste roteiro foi pensada a partir de uma linha do tempo, que vai desde 1964 até 1985 e através da qual foram levantados os principais eventos relacionados à temática e à distribuição de materiais coletados. É importante salientar que só foram apontados eventos que trouxessem algum tipo de material a ser veiculado ao webdocumentário.

Como este formato de produção e divulgação de obras audiovisuais permite agregar diversas mídias, foi importante especificar no roteiro quais pastas de arquivos deveriam ser usadas, as referências de entrevistadas que iriam aparecer, a descrição de recortes a serem feitos em vídeos e áudios de entrevistas (começo e final do tempo), além da legenda de fotografias e documentos. Tais especificações serviram, também, para que a editora e o *webdesigner* do projeto pudessem compreender onde cada elemento deveria aparecer na plataforma.

Trouxemos como exemplo a disposição de uma tabela (tabela 1, em anexo) a partir da criação de abas como: **1)** ano em que ocorreu o evento; **2)** descrição detalhada deste evento; **3)** data precisa do evento, caso soubesse, com dia e mês; **4)** explicações que apontassem quais pastas e subpastas continham os arquivos específicos sobre este

evento. Neste ponto foi importante mostrar o “caminho” a ser feito entre as pastas que serão repassadas à editora, o que pôde ser indicado pelo símbolo “>”, da seguinte forma: *pasta “entrevistas” > pasta “1964” > pasta “entrevistas em vídeo” > arquivo mp4 “Danda Prado”*; **5)** Conteúdo do gerador de caracteres (GC) a ser inserido como “créditos” nos arquivos gravados em vídeo, o que permite colocar sobre as imagens nomes e outras (poucas) características de entrevistadas; **6)** descrição precisa do recorte de tempo (decupagem) de arquivos audiovisuais, que apontassem quando o arquivo de vídeo ou áudio deve começar e terminar; **7)** lista com legenda das imagens a serem veiculadas sobre aquele evento, sejam elas fotografias, documentos, etc.

Caso houvesse necessidade de outras explicações que possam ajudar a apresentar melhor a abordagem documental e a dinâmica de navegação criada pela equipe para aquela temática, novas abas poderiam ser criadas.

É interessante observar como cada linha da tabela se refere a um mesmo ano e pôde conter mais de um arquivo, como por exemplo uma entrevista em áudio e duas fotografias. Por esse motivo, sugerimos que sempre fosse utilizado o número de identificação de arquivo e em ordem crescente (ex.: evento 1; foto 1; entrevista 1; entrevista 1.2), até o final da tabela.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

A organização de pastas, bem como a nomeação de cada uma delas, foi uma tarefa de extrema importância para o bom desenvolvimento do projeto. Através dessa organização foram identificadas e, posteriormente colocadas no webdocumentário, todo material selecionado e descrito no roteiro.

O caráter didático-pedagógico do projeto

O objetivo central do webdocumentário, elaborado pensando em seu uso didático, no ensino médio e fundamental, está relacionado à educação histórica e à didática da história, em diálogo com autoras/es como Isabel Barca (2004), Jorn Rüsen (2006) e Maria Auxiliadora Schmidt (2016). Quer dizer, por mais que a linha do tempo proposta no webdocumentário reforce um caráter linear e progressivo de história, que se apresenta como artificial quando pensamos nas contingências e no vai-e-vem da memória e dos acontecimentos, a própria proposta de navegação do *webdoc* nos leva a caminhos diferentes.

A possibilidade de cada usuário/o construir seu próprio caminho de acesso aos conteúdos, assim como a possibilidade de aprender, no *site*, através da pesquisa e uso de fontes históricas em sala de aula (BITTENCOURT, 2004; CAIMI, 2008),

muito se relaciona com a percepção da didática da história de que cada um/a de nós aprende história de um modo diferente (SCHMIDT; URBAN, 2016), e que a aprendizagem significativa se dá quando articulamos os conteúdos, narrativas, discursos, acontecimentos, não apenas com o passado, mas também com o presente e nossas projeções para o futuro (RÜSEN, 2006).

Ou seja, articulada à teoria da história, a didática da história vem pensando sobre nossas percepções sobre o tempo (HARTOG, 2014), nossos exercícios de historicização (KOSELLECK, 2006), e como essas são questões fundamentais na aprendizagem histórica que perpassa sobremaneira a escola e a educação formal.

Desse modo, a temática das mulheres em movimento durante a ditadura ganha especial atenção, às portas de 2019, quando vivemos um momento que não é exatamente ditadura, mas também não é exatamente democracia, como nos alertou Luis Felipe Miguel,⁶ e no qual temos a forte presença de

⁶ Fala ouvida dia 28/03/2018 no "Ciclo de Debates: Golpe de 2016 e Futuro da Democracia no Brasil", que aconteceu no Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no primeiro semestre de 2018. O Ciclo foi uma resposta da comunidade acadêmica do CFH às recentes ameaças aos princípios da liberdade de pensamento, à autonomia das Universidades e à soberania da cátedra. A atividade somou-se às iniciativas de diversas Universidades brasileiras em apoio ao Professor Luis Felipe Miguel, da Universidade de Brasília, que foi



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

movimentos feministas e de mulheres em um contexto de repressão conservadora, repressão que conta com pesado apoio da sociedade civil.

Os paralelos entre o presente e o período estudado, entre 1964 e 1985, surgem de inúmeras formas, nos enunciados e discursos que circulam pelas pessoas, organicamente, mas com grande intensidade virtualmente. Nesse panorama, é também compromisso do projeto oferecer um espaço de pesquisa que seja confiável e consistente, em que fontes sempre referenciadas estejam disponíveis e a possibilidade de cruzamento de diferentes informações sobre a temática estejam acessíveis, e no qual se estimule a proliferação de operações historiográficas politicamente responsáveis, ou seja, conscientes de suas consequências.

Esse termo, operação historiográfica, é emprestado de Michel de Certeau (1982), mas utilizado aqui muito no sentido em que Fernando Penna e Renata Aquino da Silva (2016) utilizam ao debater história pública. Buscando refutar o sentido de história pública

alvo de ameaças e de censura em razão da oferta de uma disciplina cujo título também se toma de empréstimo para nomear o evento no CFH. A programação pode ser acessada em <<http://noticias.ufsc.br/2018/03/ciclo-de-debates-o-golpe-de-2016-e-o-futuro-da-democracia-no-brasil-comeca-nesta-quinta-no-cfh/>> Fotos, vídeos e mais informações em <<https://www.facebook.com/events/175993446361225/>> Acesso em 18/11/2018.

como vulgarização, os autores propõem uma apropriação diferente do conceito de operação historiográfica, assumindo que a operação que articula lugar social, práticas de produção, texto e forma de inserção no espaço público, com preocupações históricas não é, ou não deve ser encarada, como uma prática apenas de historiadores/as para historiadores/as.

Propõe-se então pensar cada historiografia de acordo com a sua forma de inserção no espaço público, e segundo as suas finalidades específicas. Fernando Penna e Renata Aquino da Silva trazem essa proposta no intuito de superar a ainda tão presente dicotomia entre a academia e a escola, não apenas para considerar o importante espaço de produção de conhecimento histórico que a escola representa, mas também os diferentes modos como a noção de história pública circula por esses espaços.

A partir de Hannah Arendt, discute-se a noção de público como aquilo que é compartilhado, anterior a nós e que continuará aqui quando nos formos (SCHITTINO, 2016). Nessa conceituação, cabe tanto a historiografia, como a universidade e o espaço escolar.

Constrói-se, então, uma noção de responsabilidade sobre a história, sobre a escola e sobre o que é público, sobre o que herdamos das gerações anteriores e entendemos ser importante legar para as



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

próximas gerações (PENNA; SILVA, 2016). Tanto as histórias e memórias das mulheres de luta, abordadas por nosso projeto, quanto o modelo de universidade pública dentro do qual o projeto foi executado, e o modelo de educação pública escolar com o qual busca dialogar e contribuir, são foco de ataque das investidas contemporâneas da política conservadora. Nosso compromisso com a história pública é, portanto, lutar para garantir a continuidade desses espaços e práticas para as próximas gerações.

Concordando com a importância da história como espaço de construção de identidades, identidades e noções de pertencimento (PEREIRA; SEFFNER, 2008), e com a responsabilidade em mobilizar a história, não apenas disciplinar, mas também pública, como uma ferramenta de interpretação e transformação do mundo, é que estamos construindo o webdocumentário do projeto. Importante frisar que interpretamos que a história pública inclui, em muitos sentidos, e dialoga constantemente, com a história disciplinar.

Temos, na Universidade Federal de Santa Catarina, um projeto com o qual muito podemos aprender, voltado à construção de um acervo digital centrado no ensino de história, o Santa Afro Catarina (DELGADO, MAMIGONIAN, 2014). Em seu debate com história patrimonial, o projeto atuou durante

anos em diferentes frentes no intuito de visibilizar o protagonismo (via de regra, invisibilizado) de homens e mulheres, escravos e libertos de origem africana, em uma gama de experiências individuais e coletivas em Santa Catarina.

O diálogo com o projeto Mulheres de Luta se evidencia, ao observarmos a busca por se constituir como um espaço de visibilidade da atuação das mulheres nas resistências à ditadura (via de regra também invisibilizadas), a construção de conhecimento histórico escolar através do uso de fontes históricas, e as dificuldades institucionais compartilhadas, como por exemplo com a manutenção do *website* dentro do servidor da UFSC. Esperamos, portanto, manter contato e aprender a partir dessa experiência, nas peculiaridades que nosso projeto carrega.

Conclusões

Em tempos de golpe jurídico-midiático, de propostas profundamente antidemocráticas como a intitulada “Escola Sem Partido”,⁷ e da ascensão de carreiras políticas construídas sobre discursos de ódio,

⁷ O Escola Sem Partido é um movimento e também um projeto de lei, de caráter conservador, que vem ameaçando a liberdade de cátedra no Brasil nos últimos anos. Para mais informações: <<https://professorescontraoescolasesempartido.wordpress.com/sobre/>> Acesso em 19/11/2018.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

anti-intelectuais e anti-diversidade, para não dizer também, em muitos momentos, anti-mulheres, misóginos, é que o webdocumentário do projeto Mulheres de Luta irá ao ar, no *site* institucional da Universidade Federal de Santa Catarina, com previsão para o final do ano de 2019.

Entendemos esse acontecimento, o *webdoc* (além de ser um importante espaço de resistência e mais uma voz no coro de milhões de pessoas que já demonstraram publicamente que não concordam com os recentes encaminhamentos da vida política e pública brasileira), também em seu caráter paradoxal, e nas lições que esse paradoxo pode nos trazer.

A primeira, importante apesar de óbvia, é o lembrete de que o Estado não é um bloco uno, agindo de forma coesa com um objetivo central. Existem disputas, espaços de fissura e tensões. O Estado se constitui nas relações de poder (FOUCAULT, 1979). Estamos, dentro de uma Universidade Federal, trabalhando com recursos públicos, nas rebarbas das políticas públicas criadas por um Estado que não é mais o que ocupa os espaços de decisão, questionando, na nossa própria relação com a didática da história, o passado e o presente, assim como nossas expectativas para o futuro. Estas expectativas também estão presentes em nossas construções sobre o passado e o presente.

Lembrando que o projeto e nossa atuação é também o Estado, e representa a defesa de um modelo de Estado antagônico ao que ocupa atualmente os principais espaços de poder de decisão no país. Esse pode ser pensado como nosso paradoxo fundamental.

Retomando mais uma vez Jorn Rösen (2006), percebemos que, da mesma forma que esperamos que diferentes segmentos se apropriem das ideias e discursos disponíveis no webdocumentário, com o intuito de dar sentido a sua vida prática, aprender história de forma significativa, e quiçá tomar decisões políticas responsáveis e calcadas em princípios democráticos, estamos também dando sentido à nossa vida prática ao produzir esse material, nessa conjuntura tão específica em que vivemos. Específica porque marca uma transição, um momento de transformações que muda definitivamente nossa relação com o passado estudado para o projeto e nossas projeções para o futuro.

Outra importante lição que podemos tirar desse paradoxo está relacionada com os recentes e tão importantes debates sobre história pública, citados de forma bastante pontual no curto espaço desta comunicação. Concordamos, nesse sentido, com Renata Schittino (2016), que antes de nos adiantarmos como palavras autorizadas, mediadoras na esfera pública porque historiadoras, como aquelas que ampliariam a



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

consciência histórica ou popularizariam o conhecimento, estamos construindo o webdocumentário considerando a história pública como espaço de compartilhamento, como o mundo comum.

Desse modo, o *webdoc* pretende se estabelecer como um espaço de diálogo, apesar de inevitavelmente vir carregado de opções e discursos pré-concebidos, e de uma concepção historiográfica específica (porém sempre evidenciada). Pretendemos, assim, que as apropriações e leituras do *webdoc* e suas fontes permitam, como defende Fernando Penna e Renata Aquino da Silva, outras operações historiográficas, calcadas no diálogo daquilo que é público e compartilhado, com foco especial nas operações historiográficas escolares.

Referências Bibliográficas

BARCA, Isabel. Aula oficina: do projecto à avaliação. In: BARCA, Isabel (Org.). **Para uma educação histórica com qualidade**. Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131-144.

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

CAIMI, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção do

conhecimento histórico escolar? **Anos 90**. Porto Alegre, v.15, n. 28, p. 129-150, dez. 2008.

CARDOSO, G. Da comunicação de massa para a comunicação em rede. In: CARDOSO, G; CÁDIMA, F. R; CARDOSO, L. L. **Media, redes e comunicação**: futuros presentes. Lisboa: Quimera Editores, 2009.

CASERO, Andreu. El despertar del público? Comunicación política, ciudadanía y web 2.0. In: VICENTE, Maximiliano Martin; ROTHBERG, Danilo (orgs.). **Meios de comunicação e cidadania**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 107-122.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

DELGADO, Andréa Ferreira; MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. Santa Afra Catarina: acervo digital e educação patrimonial. **Esboços**, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 86-108, ago. 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008. 428 p.

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006.

MAIA, Rousiley. Redes cívicas e internet: efeitos democráticos do associativismo. In: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley. **Comunicação e democracia: problemas & perspectivas**. São Paulo: Paulus, 2008

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **@internet e #rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PENAFRIA, Manuela. **O Filme Documentário**. Lisboa, Portugal, Editora Edições Cosmos, 1999. 134 p.

_____. **Webdocumentário: Interatividade, Abordagem e Navegação – Comunicação Digital – 10 Anos de Investigação**. Lisboa, Portugal, Editora Minerva/Labcom, 2013, 216 p.

PENNA, Fernando; SILVA, Renata Aquino da. As operações que tornam a história pública. A responsabilidade pelo mundo e o ensino de história. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele R. de; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.113-128, dez. 2008.

PRIMO, Alex F. T.. **Interação Mútua e Interação reativa: uma proposta de estudo**. Revista Famecos, v. 1, n. 12, 2000. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.ph>

[p/ revistafamecos/article/view/3068/2346](http://revistafamecos/article/view/3068/2346). Acessado em 16 nov. 2018.

RÜSEN, Jorn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, PR. v. 1, n. 2, p. 07 – 16, jul.-dez. 2006.

SCHITTINO, Renata. O conceito de público e o compartilhamento da história. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele R. de; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; URBAN, Ana Claudia. Aprendizagem e formação da consciência histórica: possibilidades de pesquisa em Educação Histórica. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 60, p. 17-42, abr./jun. 2016.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres de luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)**. Projeto de pesquisa. CAPES: Edital 12/2015, Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais, Processo 88887.130836/2016-00.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Tabela nº 1: modelo de roteiro para webdocumentário

TEMÁTICA: EXÍLIO						
1) ano	2) Evento	3) Data do evento (se tiver)	4) Explicações sobre a pastas e arquivos	5) Referências de entrevistadas (GC p\ audiovisual)	6) Recorte de tempo (p\ audiovisual)	7) legenda de imagens
1964	- evento 1: Golpe de estado no Brasil a partir do qual muitas brasileiras e brasileiros deixam o país.	- evento 1: 13 de março	- entrevista 1: pasta entrevistas > 1964 > entrevistas em vídeo > Danda Prado; - foto 1: pasta imagens > fotografias > 1964 > arquivo IMG 3229.	- entrevista 1: Danda Prado (escritora e herdeira da editora Brasiliense).	- entrevista 1: 2'30'' – 5'29''.	- foto 1: Danda Prado participa da primeira manifestação contra o Golpe militar, no Rio de Janeiro, em abril de 1964.
1966	- evento 2: Criação do Centro de Informação do Exterior (CIEEx) que de vigiou, monitorou e seguiu exiladas e exilados que viviam no exterior - evento 2.1: Discurso do Presidente Castello Branco	- evento 2: 07 de abril - evento 2: 24 de julho	- foto 2: pasta imagens > fotografias > 1966 > arquivo IMG 3255 - foto 2.1: pasta imagens > documentos > 1966 > arquivo IMG 3256			- foto 2: Inauguração do Centro de Informação do Exterior (CIEEx). Imagem publicada no Jornal do Brasil em 1966, edição nº 75. - foto 2.1: O então presidente Humberto Castello Branco (Arena) discursa durante visita a São Paulo, em 1966. Fonte: Jornal Folha de São Paulo, ed: nº 82.
1968	- evento 3: Decreto o Ato Institucional nº 5. Após isso, muitos brasileiros deixam o país	- evento 3: 13 de dezembro	- entrevista 3: pasta entrevistas > entrevistas em áudio > Albertina de Oliveira C. - foto 3: pasta imagens > documentos > arquivo IMG 6587	- entrevista 3: Albertina de Oliveira Costa (socióloga brasileira, editora, teórica e ativista feminista)	- entrevista 3: 1'02'' – 3'22''.	- foto 3: Página 01 do Ato Institucional Número Cinco (AI-5). Fundo: Gabinete Civil da Presidência da República; Arquivo Nacional.
1980	- evento 4: Publicação do livro Memórias das Mulheres do Exílio organizado por Albertina de Oliveira Costa, Norma Marzola, Tetê Moraes e Valentina da Rocha Lima	- evento 4: janeiro	- foto 4: pasta imagens > fotografias > 1980 > arquivo IMG 4323			- foto 4: Capa do livro Memórias das Mulheres do Exílio organizado por Albertina de Oliveira Costa, Norma Marzola, Tetê Moraes e Valentina da Rocha Lima. Editora Paz e Terra, 1980.

Organização e produção da tabela: projeto “Mulheres de Luta”.